

**FATORES DE INFLUÊNCIA NA INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE UNIVERSITÁRIOS
BRASILEIROS E JAPONESES**

FABIANO PALHARES GALÃO

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)

ANA CAROLINA PICCININI DE ALENCAR SCHIAVI

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)

CAMILA LIE KATAOKA

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR)

FATORES DE INFLUÊNCIA NA INTENÇÃO EMPREENDEDORA DE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E JAPONESES

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é caracterizado como uma atividade essencial para o desenvolvimento econômico e social de uma região, uma vez que a ação empreendedora desempenhada por aquele que a coloca em prática, ou seja, o empreendedor, propicia a geração de riquezas, emprego e renda e inúmeros benefícios para a sociedade.

Diante deste fato já consolidado e sendo o empreendedorismo amplamente discutido e incentivado, é natural que o tema faça parte do mundo dos negócios, mas também de outras organizações da sociedade, em especial das instituições de ensino, sejam elas públicas ou privadas, de nível básico, técnico, ou profissionalizante e, de modo acentuado, no ensino superior (IES), contexto escolhido para a realização da presente pesquisa.

De modo específico, este estudo é desenvolvido tendo como recorte a Intenção Empreendedora (IE), tema amplamente alvo de pesquisas por estudiosos no mundo todo e que, segundo Silveira, Silvente e Ferreira (2016), os quais fizeram a identificação dos fatores e abordagens na produção científica sobre o assunto no período de 2014 a 2016, vem ganhando representatividade e se consolidando ao longo do tempo como relevante objeto de estudo.

A Intenção Empreendedora é fundamentada na Teoria do Comportamento Planejado (TCP) de Ajzen (1991), considerada por diversos autores, a exemplo de Liñán e Fayolle (2015), Liñán, Nabi e Krueger (2013) e Silveira, Bizarrias e Carmo (2017), como a teoria mais citada para prever o comportamento humano no que se refere ao empreendedorismo.

A Teoria do Comportamento Planejado se baseia em três variáveis independentes: Atitude Pessoal, a qual se refere à atitude perante um comportamento que corresponde à análise favorável ou desfavorável que o indivíduo faz do comportamento, Normas Subjetivas, que trata sobre a influência do ambiente social no comportamento do indivíduo, e o Controle do Comportamento Percebido, relacionado com a percepção do indivíduo sobre sua facilidade ou dificuldade em realizar determinada tarefa, condicionando, dessa forma, a sua intenção Ajzen (1991). Além dos fatores comportamentais, ganha destaque também a influência que variáveis sociodemográficas exercem sobre a Intenção Empreendedora, como a idade, gênero, formação em empreendedorismo, experiência de trabalho, renda e a existência de parentes empreendedores, sendo esses e outros aspectos amplamente explorados nas pesquisas.

Vale ressaltar que é possível encontrar na literatura sobre essa temática os estudos de natureza *cross-cultural*, envolvendo dois ou mais países, com o objetivo de compreender como a Intenção Empreendedora e seus fatores de influência variam de acordo com as particularidades locais. Neste caso podemos citar as pesquisas de Liñán e Chen (2009), Moriano et al. (2012) e Paiva, Lima e Rebouças (2021). O presente estudo segue nessa direção ao abordar o assunto no Brasil e no Japão, sendo este último um país onde as pesquisas sobre a Intenção Empreendedora são escassas (KANAMA, 2021; HONJO, 2015).

Outro aspecto a se considerar é que as taxas de empreendedorismo no Japão são reconhecidamente baixas quando comparadas com outros países desenvolvidos (NAKAYAMA, 2016; HONJO, 2015; SHINATO; KAMEI; DANA, 2013) e, de acordo com o recente estudo de Kanama (2021), o Governo japonês vem buscando mudar este cenário por meio de incentivos e políticas públicas para fomentar a prática do empreendedorismo nos estudantes universitários, reconhecendo a importância das IES como agentes centrais de promoção à atividade empreendedora. Vale pontuar que algumas políticas e desregulamentações visando potencializar o empreendedorismo no País foram introduzidas já na década de 90 (SHINATO; KAMEI; DANA, 2013).

Diante desses fatos, esta pesquisa busca preencher essa lacuna, cujos resultados podem ser úteis no sentido de contribuir para ampliar as discussões sobre o tema nos dois países, especialmente no Japão, local onde a investigação pode gerar subsídios para fomentar a criação de políticas públicas direcionadas a um maior estímulo ao empreendedorismo na população jovem, ampliar a criação de programas de educação empreendedora nas IES e incentivar a realização de mais pesquisas sobre a temática no País entre os estudiosos da área.

Nesse contexto é que surge o objetivo central deste artigo, que é identificar e analisar os fatores que influenciam a Intenção Empreendedora nos estudantes brasileiros e japoneses.

Além desta introdução o artigo contempla na sequência a revisão bibliográfica sobre os temas centrais. Em seguida, o método do estudo é detalhado e posteriormente os resultados são analisados. Por fim, as conclusões da pesquisa e suas limitações são apresentadas, em conjunto com as sugestões de estudos futuros.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Empreendedorismo

O empreendedorismo está cada vez mais em evidência em diversos países e contextos, sendo um tema amplamente discutido no meio empresarial, governamental, educacional e também por instituições de caráter não lucrativo que apoiam e disseminam a prática e a cultura empreendedora. É reconhecido como fundamental para o desenvolvimento de novos negócios, para a geração de renda e empregos, e por consequência, para a melhoria da qualidade de vida da sociedade.

No entendimento de Fang e Chen (2019) o empreendedorismo pode ser definido como o processo de descoberta, avaliação e exploração de uma oportunidade, sendo considerado um comportamento que cria novas entidades econômicas e é um importante fator no crescimento da economia nacional. É comum encontrar na literatura autores que apresentam as raízes históricas do empreendedorismo, como Dornelas (2008) e Hisrich, Peters e Shepherd (2009), os quais trazem a contribuição de pensadores considerados pioneiros na disseminação do conceito de empreendedorismo e da figura do empreendedor, bem como as diferentes vertentes relacionadas ao tema, uma vez que parece não haver consenso sobre como de fato pode-se conceituar o termo. A respeito disso, Gomes (2005) explica que existem muitas definições sobre empreendedorismo advindas de estudiosos que utilizam princípios de suas respectivas áreas de conhecimento e interesse para elaborar o conceito.

No entanto, Fillion (1999) apresenta duas correntes de pensamento a respeito do que ele chama de “universo do empreendedor”: a primeira, oriunda dos pioneiros sobre a temática, que foram os economistas, e a segunda corrente, representada pelos comportamentalistas. No primeiro caso, o empreendedorismo é relacionado com a inovação e o empreendedor é visto como um agente de mudança capaz de identificar oportunidades de negócio. Nesta corrente é creditado a Schumpeter (1883-1950) como aquele que deu projeção ao tema, associando de forma definitiva o empreendedor ao conceito de inovação.

Na segunda visão, a dos comportamentalistas (psicólogos, sociólogos e especialistas em comportamento), o empreendedorismo é baseado em aspectos atitudinais, como a criatividade e a intuição. Fillion (1999) atesta que nesta corrente o autor que iniciou a contribuição das ciências do comportamento para o empreendedorismo foi David C. McClelland (1917-1998).

Sendo o empreendedorismo uma atividade relevante e ao mesmo tempo complexa, compreender quais fatores levam indivíduos a tomar essa decisão, é um objetivo constantemente almejado por pesquisadores e também por formuladores de políticas em relação ao tema.

Intenção Empreendedora e seus fatores de influência

Segundo Ajzen (1991) as intenções são os fatores motivacionais que influenciam determinado comportamento, além de serem indicadores da intensidade da vontade de tentar e de quanto esforço o indivíduo pretende exercer para manifestar um comportamento. Nesse contexto, a intenção empreendedora é considerada o elemento chave no entendimento da criação do novo negócio. Considerando sua relevância para estudiosos e praticantes, Souza et al. (2019) destacam que as pesquisas sobre o tema estão em rápida evolução e formam um expressivo quadro teórico em virtude de estudos seminais desenvolvidos na década de 1980. Porém, alertam os referidos autores que foi a partir dos anos 90 que a aplicação de modelos que buscavam explicar os determinantes da IE desempenhou um papel crucial no desenvolvimento das pesquisas.

Bird (1988) fala que a intenção empreendedora pode ser vista como um estado de espírito que pode ser afetada por diversas situações, como habilidades, personalidade, envolvimento familiar e social, e que faz com que a pessoa dirija sua atenção para uma determinada situação, visando o alcance de alguma meta. Segundo Fang e Chen (2019), é um processo psicológico que prevê o comportamento e revela atitudes, crenças e ações.

Ainda na visão de Fang e Chen (2019), a escolha dos empreendedores de começar um novo negócio não é uma decisão acidental, nem o resultado da sugestão de alguém. Ela é vista como uma escolha de carreira, em que o empreendedor escolhe um produto ou serviço específico em que possua recursos para fazer a implantação desta escolha. Nesse sentido, infere-se que a intenção empreendedora é peça fundamental para compreender a origem do processo empreendedor. Portanto, ganha relevância nesse contexto a análise dos fatores que podem influenciar a intenção de empreender, especialmente os fatores sociodemográficos e comportamentais. A esse respeito, a extensa revisão de literatura feita por Liñán e Fayolle (2015) possibilita uma visão abrangente desses aspectos que envolvem os fatores de influência.

Em se tratando dos fatores sociodemográficos, é grande a quantidade de pesquisas, as quais apresentam resultados diversos e são realizados nos mais diferentes contextos. De modo geral, as principais discussões giram em torno da influência do gênero na IE (PARAY; KUMAR, 2020; OLIVEIRA; LEAL, 2015; SINGH, 2014; OKAMURO; STEL; VERHEUL, 2019), da idade (OLIVEIRA; LEAL, 2015, SAHINIDIS et al., 2021), da formação em empreendedorismo (NAKAYAMA, 2016, MARCON; SILVEIRA; FRIZON, 2020, ZARDO JR.; ALMEIDA, 2020), da família (ALMEIDA; TEIXEIRA, 2014, BOHNENBERGER; SCHMID; FREITAS, 2007, PAIVA; LIMA; REBOUÇAS, 2021, FAYOLLE; GAILLY, 2015).

Liñán, Urbano e Guerrero (2011) consideraram, além da idade e gênero, variáveis como experiência de trabalho autônomo, influências interpessoais e ser ou não um imigrante como possíveis preditores da IE.

Já sob os aspectos comportamentais que influenciam a IE a Teoria do Comportamento Planejado (TCP), modelo elaborado por Ajzen (1991), tem o propósito de explicar o comportamento humano frente ao ato de empreender, é o mais utilizado nas pesquisas de análise da intenção empreendedora. Esse modelo prevê que o controle comportamental e a intenção de agir resultam de três atitudes elementares: atitude pessoal, norma subjetiva, e percepção sobre o controle do comportamento.

Para Ajzen (1991) a Atitude Pessoal se refere ao grau com que uma pessoa tem uma avaliação favorável ou desfavorável ao comportamento em questão. Em outras palavras, o autor expõe que as atitudes se desenvolvem a partir das crenças que a pessoa possui a respeito do objeto analisado. Seguindo essa linha, no caso de atitudes em relação a um comportamento, cada crença liga o determinado comportamento a um resultado específico

ocasionado a partir dele ou a algum atributo, que pode ser positivo ou negativo, o que ocasiona a atitude que será adquirida em relação a aquele comportamento. Sintetizando, o ser humano tende a favorecer comportamentos que, em sua crença, vão gerar resultados positivos e desfavorecer comportamentos associados a consequências negativas. Sendo assim, o valor subjetivo do resultado é o que vai influenciar na atitude.

Ainda segundo Ajzen (1991), a Norma Subjetiva se refere à pressão social percebida para realizar ou não o comportamento. Ela trata sobre a influência do ambiente social no comportamento do indivíduo e essas normas são proporcionais à força de crenças subjetivas, que é influenciada pela motivação da pessoa em cumprir com o referente em questão.

Por fim, Ajzen (1991) cita que o Controle do Comportamento Percebido se refere à facilidade ou dificuldade percebida de executar o comportamento. Presume-se que isto reflita a experiência passada bem como impedimentos e obstáculos antecipados. Trata da percepção do indivíduo sobre sua facilidade ou dificuldade em realizar determinada tarefa, condicionando, desta forma, sua intenção. Em seu artigo, o autor menciona outra abordagem sobre o assunto, que é considerada por ele como sendo compatível com o conceito em questão. Trata-se da visão de Bandura (1977,1982) a respeito do controle do comportamento. Nela, é entendido que o comportamento é fortemente influenciado pela própria autoconfiança em realizá-lo. Sendo assim, essa confiança, ou a falta dela, é o que vai definir a preparação para a atividade, esforço realizado e até mesmo, como mencionado por Ajzen (1991), reações emocionais.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos deste estudo realizou-se uma pesquisa de caráter descritivo, quantitativo e transversal. A base para a realização da pesquisa foi o estudo de Liñán e Chen (2009) que desenvolveram um instrumento de medida psicométrica para a mensuração da Intenção Empreendedora (IE) baseado na Teoria do Comportamento Planejado (TCP) de Ajzen (1991), a qual se mostra robusta e amplamente utilizada para prever o comportamento dos indivíduos no que se refere ao empreendedorismo (LIÑÁN; NABI; KRUEGER, 2013; LORTIE; CASTOGIOVANNI, 2015). O instrumento de medida é denominado de *Entrepreneurial Intention Questionnaire (EIQ)*, o qual é utilizado em vários estudos com esta finalidade no mundo todo, especialmente aqueles direcionados a estudantes universitários (SILVEIRA; BIZARRIAS; CARMO, 2017), pois esse grupo tem idade e qualificações semelhantes, fazendo com que a amostra seja mais homogênea (LIÑÁN, 2008).

O *EIQ* é formado por vinte questões estruturadas numa escala Likert de 7 pontos que variam de discordo totalmente (1) até concordo totalmente (7). Os constructos que fazem parte deste estudo são a Atitude Pessoal (cinco questões), as Normas Subjetivas (três questões) o Controle de Comportamento Percebido (seis questões) e a Intenção Empreendedora (seis questões).

Além das variáveis principais do estudo, buscou-se traçar um breve perfil demográfico dos estudantes, coletando informações sobre gênero, idade e o período/ano em que os estudantes se encontravam no momento do preenchimento do questionário. O levantamento incorporou, ainda, questões sobre a realização ou não por parte dos estudantes de atividades de formação envolvendo a educação empreendedora, como um curso de curta duração, workshops, treinamentos, ou uma disciplina cursada na Universidade e uma questão sobre a existência ou não de parentes empreendedores.

Vale destacar que a pesquisa é um dos frutos de um Acordo de Cooperação Acadêmica, Científica e Cultural entre a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e a Universidade de Shinshu, sediada na cidade de Nagano, Japão, celebrado entre as duas instituições em março de 2019, o qual, dentre outros aspectos, busca a troca de

experiências e o planejamento e o desenvolvimento de projetos de parceria entre professores e alunos. Além disso, vale destacar que a universidade brasileira é de caráter público e a instituição japonesa é de caráter privado, as duas são consideradas regionais e de porte semelhantes.

De modo específico, a amostra contou com alunos matriculados no curso de Engenharia Têxtil da UTFPR (Campus Apucarana-PR) e da Faculdade de Ciência e Tecnologia Têxtil (FTST- Campus Ueda) da Universidade de Shinshu, uma vez que nas duas instituições este curso é ofertado.

Todos os alunos matriculados, independente do tempo de estudo, foram convidados a participar da pesquisa por meio de um e-mail enviado pela coordenação dos respectivos cursos, onde foi descrito o objetivo do estudo e a importância dele para as duas instituições. O questionário foi disponibilizado por meio de um *link* inserido no corpo do e-mail que permitia acesso ao formulário eletrônico da pesquisa.

Para a aplicação do questionário foi feita a tradução do modelo original disponível no artigo de Liñán e Chen (2009) para os respectivos idiomas. Em seguida, foi realizado um pré-teste com 20 estudantes em cada instituição para que, na sequência o formulário fosse disponibilizado. A coleta de dados ocorreu em ambas as instituições no período de agosto a outubro de 2020 e foram obtidas 231 respostas, sendo 104 respondentes da UTFPR (cerca de 40% do total de matriculados) e 127 da FTST (cerca de 12% do total de matriculados).

As análises empregadas na pesquisa foram:

i) estatística descritiva para traçar o perfil dos estudantes, utilizando tabelas de frequência com informações sobre: gênero, idade, tempo de estudo, existência ou não de parentes empreendedores e formação em empreendedorismo. Com a intenção de apresentar aspectos comparativos entre as duas amostras (Brasil e Japão) foi utilizado o teste de qui-quadrado. Além disso, como o resultado da significância do teste não fornece a magnitude da diferença encontrada, buscou-se identificar este indicador executando o teste de V de Cramer (KIM, 2017).

ii) regressão múltipla, método que consiste em verificar a relação existente entre uma variável dependente e várias independentes (HAIR JR et al., 2005). Neste caso, buscou-se em um primeiro momento analisar a relação entre as variáveis de perfil (variáveis independentes) e a Intenção Empreendedora (variável dependente), e na sequência, verificar a relação entre as variáveis relacionadas à Teoria do Comportamento Planejado (variáveis independentes) e a Intenção Empreendedora (variável dependente).

Os dados coletados foram analisados com o auxílio do pacote estatístico IBM SPSS versão 25.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em relação ao perfil básico a amostra contou com 55% de homens e 45% de mulheres, sendo que o gênero masculino é predominante no Japão (72,4%) e o feminino no Brasil (65,4%). A baixa participação feminina na amostra japonesa reflete uma situação comum nas demais universidades do País, situação essa discutida por Horii (2020) em seu estudo sobre desigualdade de gênero no Japão, seja na carreira docente, seja na vida universitária.

Constatou-se que a amostra brasileira é composta por estudantes mais velhos, uma vez que 60,6% deles têm idade a partir de 22 anos; no Japão este percentual é de 18,8%. Sobre o tempo de estudo observou-se que 90% dos estudantes já concluíram pelo menos 3 anos completos em seus respectivos cursos quando da aplicação da pesquisa. Analisando o caso brasileiro nessa dimensão, os resultados apontam que os respondentes estão matriculados no curso há mais tempo, pois 35,6% deles estão na Universidade há mais de 2 anos, contra 18,1% dos estudantes japoneses.

Vale destacar que para todas as características mencionadas acima o teste de Qui-quadrado indicou que as diferenças entre as amostras são significativas ($p < 0,05$). Além desta informação, a tabela 1 indica os valores de qui-quadrado e o de V de Cramer, sendo este último considerado entre médio e grande (Gênero) e grande (Idade e Tempo de Estudo) (KIM, 2017).

Tabela 1: Perfil básico da amostra

Gênero	Brasil	Japão	p	Qui-quadrado	V de Cramer
Masculino	34,6%	72,4%			
Feminino	65,4%	27,6%			
Total	100%	100%	0,000	33,111	0,379

Idade					
Entre 14 e 17 anos	2,9%	0,00			
Entre 18 e 21 anos	36,5%	81,1%			
Entre 22 e 25 anos	43,3%	15,7%			
Mais de 26 anos	17,3%	3,1%			
Total	100%	100%	0,000	49,692	0,464

Tempo de estudo					
Menos de 1 ano	24%	37,8%			
De 1 a 2 anos	40,4%	44,1%			
Mais de 2 anos a 3,5 anos	20,2%	18,1%			
Mais de 3,5 anos	15,4%	0,00			
Total	100%	100%	0,000	76,623	0,576

Partindo agora para a discussão sobre a existência ou não de parentes empreendedores constatou-se que 65,4% dos alunos brasileiros afirmaram possuir algum parente empreendedor, com destaque para dois graus de parentesco: pai e/ou mãe (28,8%) e tios e/ou avós (27,9%). No caso dos japoneses, o percentual de respostas afirmativas relativas à existência de algum parente engajado em atividades empreendedoras foi de 28,3% e destes, 9,3% correspondem a pai e/ou mãe. A tabela 2 detalha esses resultados. Por meio do teste do Qui-quadrado constatou-se que as diferenças observadas são significativas, ou seja, $p < 0,05$. Além disso, o V de Cramer para este teste foi de 0,377, indicando um tamanho de efeito grande (KIM, 2017).

Tabela 2: Existência ou não de parentes empreendedores

Grau de parentesco	Brasil	Japão	p	Qui-quadrado	V de Cramer
Pai e/ou mãe	28,8%	9,3%			
Irmãos	2,9%	1,6%			
Tios e/ou avós	27,9%	15%			
Primos	5,8%	2,4%			
Não tenho parentes empreendedores	34,6%	71,7%			
Total	100%	100%	0,000	32,852	0,377

Outra diferença encontrada nas duas amostras relaciona-se com a participação ou não do estudante em alguma atividade de formação envolvendo a educação empreendedora (tabela 3). Neste caso, 66,3% dos alunos brasileiros afirmaram já ter participado, contra 12,6% dos

japoneses. O relativo pouco tempo de estudo, aliado com a menor faixa etária dos estudantes japoneses são fatores que podem explicar a baixa participação dos alunos nesse tipo de formação. Por meio do teste Qui-quadrado observou-se que a diferença encontrada é significativa ($p < 0,05$) e o teste de V de Cramer gerou um resultado de 0,554, indicando que a magnitude da diferença é grande (KIM, 2017).

Tabela 3: Formação em empreendedorismo

Resposta	Brasil	Japão	p	Qui-quadrado	V de Cramer
Sim	66,3%	12,6%			
Não	33,7%	87,4%			
Total	100%	100%	0,000	71,023	0,554

Levando em conta que estudos como os de Paiva, Lima e Rebouças (2021), Singh (2014) e Sahinidis et al. (2021) buscaram identificar a influência de variáveis demográficas de estudantes na IE, realizou-se a análise de regressão múltipla, considerando num primeiro modelo como variável dependente a IE e como variáveis independentes o gênero, a idade, o tempo de estudo, a existência ou não de parentes empreendedores (denominada como Parentes) e a formação em empreendedorismo (denominada como Formação).

O resumo do modelo 1, visto na tabela 4, indica um índice de correlação (R) de 0,376, com coeficiente de determinação (R^2) de 0,142, significando que as cinco variáveis independentes selecionadas explicam apenas 14,2% a intenção empreendedora dos estudantes brasileiros. No caso do Japão, o coeficiente de determinação (R^2) também foi baixo (0,292), ou seja, 29,2% da variância na IE é explicada pelas cinco variáveis de perfil.

Tabela 4: Resumo do Modelo 1

Modelo 1	R	R^2	R^2 ajustado	Erro	p
Brasil	0,376	0,142	0,098	1,47173	,010
Japão	0,541	0,292	0,263	1,44522	,000

Nota: Preditores: Gênero, Idade, Tempo de estudo, Parente, Formação. Variável dependente: IE

Os achados de Singh (2014) com estudantes da área de Administração de Mumbai também revelaram um baixo poder de explicação de características demográficas (idade, gênero, renda) na IE (10,2%). No Brasil, Birchler e Teixeira (2017) incluíram variáveis demográficas como possíveis fatores que influenciam a IE, no entanto, os autores também não encontraram relações significativas a partir dos resultados obtidos.

Em se tratando da amostra dos estudantes brasileiros o resultado da análise de regressão indica que a única variável que afeta significativamente a IE é a Idade dos respondentes ($t = 2,486$; $p = 0,015$). O coeficiente Beta desta variável indica que a cada um ano de aumento na idade, a IE aumenta, em média, 0,577, ou seja, quanto maior a faixa etária dos estudantes, maior a IE (tabela 5). Três variáveis deste estudo (Gênero, Parentes e Formação) também foram incluídas no modelo de regressão na pesquisa de Marcon, Silveira e Frizon (2020) e os resultados foram semelhantes, ou seja, não apresentaram significância estatística, não sendo possível estabelecer uma relação delas com a IE.

Tabela 5: Coeficientes do Modelo 1 – Estudantes Brasileiros

Brasil	B	β padronizado	Erro padrão	t	p
Gênero	-0,373	-0,115	0,316	-1,179	0,241
Idade (Categoria de Referência = Entre 14 e 17 anos)	0,577	0,288	0,232	2,486	0,015
Tempo de curso	-0,53	-0,102	0,060	-0,879	0,381

Parentes	-0,378	-0,117	0,310	-1,220	0,225
Formação	-0,625	-0,192	0,356	-1,754	0,083

Nota: Preditores: Gênero, Idade, Tempo de estudo, Parente, Formação. Variável dependente: IE

Já no caso da amostra dos estudantes japoneses os resultados da análise de regressão destacados na tabela 6 indicam que as variáveis que afetam significativamente a IE são, nesta ordem: Formação ($t=-2,503$; $p=0,014$), Idade ($t=2,092$; $p=0,039$), Parentes ($t=-2,138$; $p=0,034$) e Gênero ($t=-2,172$; $p=0,0032$).

Tabela 6: Coeficientes do Modelo 1 – Estudantes Japoneses

Japão	B	β padronizado	Erro padrão	t	p
Gênero (Categoria de Referência = Masculino =1)	-0,628	-0,167	0,289	-2,172	0,032
Idade (Categoria de Referência = Entre 14 e 17 anos)	0,777	0,225	0,372	2,092	0,039
Tempo de curso	0,060	0,082	0,060	1,001	0,319
Parentes (Categoria de Referência = Sim =1)	-0,641	-0,172	0,300	-2,138	0,034
Formação (Categoria de Referência = Sim =1)	-1,307	-0,259	0,522	-2,503	0,014

Nota: Preditores: Gênero, Idade, Tempo de estudo, Parente, Formação. Variável dependente: IE

Por meio do resultado negativo de Beta da variável Formação é possível constatar que os estudantes que não tenham tido formação em empreendedorismo têm, em média, escores menores de IE, ou seja, estudantes japoneses que realizaram alguma atividade de formação na área, tendem a possuir, em média, um escore maior de IE do que aqueles que não realizaram. A busca por conhecimento na área de empreendedorismo foi um dos fatores que tiveram correlação significativa com a IE no estudo de Nakayama (2016) com estudantes universitários japoneses. Em suas conclusões o referido autor comenta que estudos mostram educação empreendedora como significativa para dar origem à intensão empreendedora por despertar nos estudantes o interesse e a curiosidade pelo empreendedorismo. Destacando a importância da formação em empreendedorismo na graduação como estímulo ao aumento da atividade no Japão, Shinato, Kamei e Dana (2013) alertam que as oportunidades em universidades e escolas de pós-graduação para cursar disciplinas de educação para o empreendedorismo são limitadas a cursos de MBA e, segundo referidos autores, essa situação precisa ser mudada drasticamente, para que mais pessoas, incluindo estudantes de graduação, possam cursar tais disciplinas.

O mesmo raciocínio se aplica à variável Parentes, ou seja, estudantes que não possuem parentes empreendedores têm, em média, escores menores de IE, destacando a influência dos familiares próximos que são empreendedores na IE dos estudantes.

No caso da variável Gênero (que também apresentou um coeficiente negativo de Beta), pode-se inferir que estudantes mulheres apresentam, em média, uma IE menor do que a dos homens. No caso específico do Japão, Okamuro, Stel e Verheul (2019) também discutem esse fato e comentam que no País há uma proporção relativamente baixa de mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, há efetivamente um número menor de mulheres com potencial para ingressar em atividades empreendedoras.

Por fim, no que diz respeito à Idade, o resultado foi similar ao encontrado na amostra dos estudantes brasileiros, isto é, quanto maior a faixa etária dos estudantes, maior a IE.

No segundo modelo de análise regressão realizado decidiu-se por incluir o país de origem do respondente como variável independente, visando compreender qual o peso que essa variável possa ter na IE, dado que as diferenças culturais entre os dois países são grandes

e esse contexto tem influência no empreendedorismo (LIÑÁN; NABI; KRUEGER, 2013, PAUL; HERMEL;SRIVATAVA, 2017). Outra observação é que, como a variável Tempo de Curso não apresentou significância estatística nos testes realizados com as duas amostras, a mesma foi retirada dos novos testes, como recomendo Hair et al. (2005).

O resumo do modelo 2 (tabela 7) expressa um índice de correlação (R) de 0,675 com coeficiente de determinação (R²) de 0,456, significando que as cinco variáveis independentes selecionadas explicam em 45,6% a intenção. Percebe-se que a inclusão do país de origem contribuiu significativamente para o aumento da explicação na IE.

Tabela 7: Resumo do Modelo 2

Modelo 2	R	R²	R² ajustado	Erro	p
	0,675	0,456	0,441	1,46626	0,000

Nota: Preditores: Gênero, Idade, Parente, Formação, País. Variável dependente: IE

O resultado da análise de regressão indica que todas as variáveis selecionadas afetam significativamente a IE, pois apresentaram um $p < 0,05$ (tabela 8). Por meio do β padronizado, observa-se que a variável País é a que mais influencia a IE da amostra pesquisada (-0,367). Ainda com foco nesta variável, o coeficiente indica que os estudantes do Japão apresentam, em média, um escore de IE 1,466 pontos menor, quando comparados a estudantes brasileiros.

Dessa forma, os resultados apontam que os alunos matriculados no curso de Engenharia Têxtil da UTFPR tem uma predisposição maior ao empreendedorismo do que os alunos da Universidade de Shinshu matriculados no mesmo curso.

Esse resultado de certo modo reflete uma realidade do País que é citada e analisada por diversos autores que é a baixa taxa de empreendedorismo no Japão (HONJO, 2015, OKAMURO; STEL; VERHEUL, 2019, NAKAYMA, 2016; SHINATO; KAMEI; DANA, 2013) quando se compara esse país com outros.

Tabela 8: Coeficientes do Modelo 2

	B	β padronizado	Erro padrão	t	p
Gênero (Categoria de Referência = Masculino=1)	-0,562	-1,43	0,213	-2,642	0,009
Idade (Categoria de Referência = Entre 14 e 17 anos)	0,656	0,229	0,179	3,660	0,000
Parentes (Categoria de Referência = Sim =1)	-0,511	-0,130	0,213	-2,402	0,017
Formação (Categoria de Referência = Sim =1)	-0,830	-0,20	0,283	-2,931	0,004
País (Categoria de Referência = Brasil =1)	-1,446	-0,367	0,247	-5,864	0,000

Nota: Preditores: Gênero, Idade, Parente, Formação, País. Variável dependente: IE

Além disso, este modelo indica que estudantes mulheres apresentam, em média, uma IE menor do que a dos homens. As discussões sobre a influência do gênero na IE são amplas e existentes em diversos estudos, como os de Paiva, Lima e Rebouças (2021), Paray e Kumar (2020) e Oliveira e Leal (2015), os quais revelam a predominância dos homens nas atividades empreendedoras em diferentes países. Por outro lado, no estudo de Singh (2014) a relação entre gênero e a IE não foi observada.

Outro resultado obtido destaca que os estudantes que não participaram de atividades de formação em empreendedorismo apresentam, em média, escores menores de IE. Esse resultado se assemelha à pesquisa de Marcon, Silveira e Frizon (2020) onde, por meio de um modelo de regressão, os autores encontraram uma relação positiva e significativa deste fator na IE de estudantes universitários.

Os achados sinalizam, ainda, que não possuir parentes empreendedores próximos pode influenciar negativamente a IE. A influência positiva da família na intenção empreendedora foi encontrada em Singh (2014) e no recente estudo de Paiva, Lima e Rebouças (2021) realizado com alunos brasileiros e portugueses e também em Fayolle e Gailly (2015). Nakayma (2016) também ressalta a influência dos parentes empreendedores ao encontrar em seu estudo uma associação positiva relacionada com a existência desses indivíduos na intenção de empreender de sua amostra.

Sobre a influência da idade, o modelo de regressão aponta que quanto maior a faixa etária dos estudantes, maior a IE. Embora neste estudo a relação entre idade e a IE tenha sido significativa nas duas amostras, essa associação carece de mais aprofundamento e estudos, como citado por Sahinidis et al. (2021), pois os resultados encontrados na literatura a respeito dessa relação são muito variáveis. Um exemplo disso pode ser constatado na pesquisa de Oliveira e Leal (2015) com estudantes portugueses da área de gestão, onde os indivíduos mais novos apresentam maior IE.

As discussões a seguir serão pautadas a partir dos resultados da análise de regressão que teve por objetivo identificar a influência do comportamento planejado na IE, ou seja, da Atitude Pessoal, das Normas Subjetivas e do Controle do Comportamento Percebido (variáveis independentes) na intenção empreendedora (variável dependente) dos estudantes que participaram do estudo. O resumo do modelo 3 visto na tabela 9 indica um índice de correlação (R) de 0,796, com coeficiente de determinação (R²) de 0,634, significando que as três variáveis independentes selecionadas explicam em 63,4% a IE dos estudantes brasileiros. No caso do Japão, o coeficiente de determinação (R²) foi de 0,673, ou seja, 67,3% da variância na IE é explicada pelas três variáveis.

Tabela 9: Resumo do Modelo 3

Modelo 3	R	R²	R² ajustado	Erro	p
Brasil	0,796	0,634	0,623	0,95174	0,000
Japão	0,820	0,673	0,665	0,97646	0,000

Nota: Preditores: Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Controle do Comportamento Percebido.

Variável dependente: IE

O resultado da análise de regressão demonstra que a Atitude Pessoal (t=8,406; p=0,000) e o Controle do Comportamento Percebido (t=3,927; p=0,000) afetam significativamente a IE dos estudantes brasileiros (tabela 10), o mesmo não podendo ser afirmado sobre a variável Normas Subjetivas, a qual não foi significativa no modelo. A esse respeito, Liñán e Chen (2009) citam o construtor Norma Subjetiva mede a pressão social e normalmente apresenta dificuldade em prever a IE.

Entre as duas variáveis significativas, a Atitude Pessoal revela-se como a de maior influência no modelo proposto, indicando que na amostra essa variável está mais correlacionada com a IE, e, como isso, há sinais de que os estudantes brasileiros possuem uma avaliação positiva no sentido de se tornarem um empreendedor no futuro. Resultado similar foi encontrado em Moraes et al. (2016), Marcon (2018) e em Souza, Silveira e Nascimento (2017).

Tabela 10: Coeficientes do Modelo 3 – Estudantes Brasileiros

Brasil	B	β padronizado	Erro padrão	t	p
Atitude pessoal	1,064	0,620	0,127	8,406	0,000
Normas subjetivas	0,039	0,029	0,090	0,435	0,664
Controle do comportamento percebido	0,260	0,270	0,066	3,927	0,000

Nota: Preditores: Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Controle do Comportamento Percebido.

Variável dependente: IE

Já na amostra com estudantes japoneses constata-se também que tanto a Atitude Pessoal ($t=5,609$; $p=0,000$), como o Controle do Comportamento Percebido ($t=12,374$; $p=0,000$) afetam significativamente a IE. No entanto, nesta amostra, houve uma inversão no que diz respeito a qual das variáveis tem mais relação com a IE. Nesse caso, o Controle do Comportamento Percebido, é a variável que mais influencia a IE dos estudantes japoneses. A tabela 11 apresenta esses resultados.

Tabela 11: Coeficientes do Modelo 3 – Estudantes Japoneses

Japão	B	β padronizado	Erro padrão	t	p
Atitude pessoal	0,421	0,307	0,075	5,609	0,000
Normas subjetivas	0,037	0,027	0,072	0,508	0,612
Controle do Comportamento Percebido	0,803	0,672	0,065	12,374	0,000

Nota: Preditores: Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Controle do Comportamento Percebido.

Variável dependente: IE

Moriano et al. (2012) atestam que o CCP é muito semelhante à autoeficácia, sendo ambos relacionados à capacidade percebida de um indivíduo realizar um comportamento, como por exemplo, iniciar um novo negócio. Os referidos autores, além de Nakayma (2016), dizem ainda que a autoeficácia substituiu o Controle do Comportamento Percebido em numerosos estudos, sendo demonstrado que esse conceito está fortemente relacionado com a criação de negócios e o sucesso empresarial. Nesse sentido, o resultado aqui encontrado se assemelha ao obtido por Nakayma (2016), onde a autoeficácia foi o fator de maior influência na IE de estudantes japoneses.

Ademais, a partir dos achados da pesquisa de Honjo (2015), pode-se traçar um paralelo com os resultados deste estudo, quando o autor comenta que encontrou evidências de que aqueles indivíduos que percebem que possuem o conhecimento, a habilidade e a experiência necessários para iniciar um novo negócio são mais propensos a iniciar uma empresa no Japão do que em outros países citados em seu estudo.

Assim como foi feito no Modelo 2 optou-se por incluir o país de origem como variável independente, juntamente com a Atitudes Pessoal e o Controle do Comportamento Percebido na análise de regressão. Como recomendado por Hair et al. (2005) a variável Normas Subjetivas foi excluída do próximo modelo por não apresentar significância nos dois modelos anteriores.

O resumo do modelo 4 (tabela 12) expressa um índice de correlação (R) de 0,851 com coeficiente de determinação (R^2) de 0,723, significando que as quatro variáveis independentes selecionadas explicam em 72,3% a IE. Novamente constata-se que inclusão do país de origem contribuiu para o aumento da explicação da IE.

Tabela 12: Resumo do Modelo 4

Modelo 4	R	R^2	R^2 ajustado	Erro	p
	0,851	0,723	0,718	1,04093	0,000

Nota: Preditores: Atitude Pessoal, Controle do Comportamento Percebido, País.

Variável dependente: IE

Como era de se esperar, a tabela 13 indica que a Atitude Pessoal ($t=8,959$, $p=0,000$), o Controle do Comportamento Percebido ($t=11,678$, $p=0,000$) afetam significativamente a IE, confirmando resultados de pesquisas anteriores como as de Liñán e Chen (2009), Souza, Silveira e Nascimento (2017), Birchler e Teixeira (2017) e Marcon, Silveira e Frizon (2020).

Dentre elas, a mais correlacionada com a IE é o Controle do Comportamento, indicando que essa variável tem a maior influência na IE entre os estudantes que participaram do estudo. Esse componente diz respeito à percepção da facilidade ou dificuldade de se tornar empreendedor, bem como da capacidade de realizar um determinado comportamento, que os indivíduos acreditam que serão capazes de controlar e dominar.

Tabela 13: Coeficientes do Modelo 4

	B	β padronizado	Erro padrão	t	p
Atitude pessoal	0,602	0,375	0,067	8,363	0,000
Controle do comportamento percebido	0,572	0,519	0,049	11,469	0,000
País (Categoria de Referência = Brasil =1)	-0,448	-0,114	0,169	-2,404	0,017

Nota: Preditores: Atitude Pessoal, Normas Subjetivas, Controle do Comportamento Percebido, País.
Variável dependente: IE

A variável País de origem ($t=-2,650$, $p=0,009$) também apresentou afeta significativamente a IE da amostra e, pelo valor de Beta (-0,448), infere-se que os estudantes japoneses apresentam, em média, uma IE menor do que a dos brasileiros, aspecto já discutido anteriormente quando essa variável foi incluída no modelo de regressão juntamente com as variáveis de perfil e o coeficiente também foi negativo.

CONCLUSÃO

Este artigo teve por objetivo identificar e analisar os fatores que influenciam a Intenção Empreendedora (IE) nos estudantes brasileiros e japoneses.

Vários pesquisadores se dedicam ao estudo desse tema, inclusive no Brasil, tendo como foco estudantes universitários de instituições públicas e/ou privadas, e esta pesquisa adotou essa linha de investigação, tendo como amostra alunos matriculados no curso de Engenharia Têxtil de uma universidade do Brasil (UTFPR – Campus Apucarana) e uma do Japão (Universidade de Shinshu).

Os resultados trouxeram à tona discussões sobre o tema num contexto cultural bastante distinto ao do Brasil, onde pouco se discute a IE e onde se percebe a escassez de estudos sobre a temática. Ademais, o Japão é reconhecido como um país onde as taxas de empreendedorismo são baixas, e por isso, alguns pesquisadores relatam iniciativas do Governo para alterar esse quadro.

Um dos principais resultados obtidos na pesquisa apontou que os alunos matriculados no curso de Engenharia Têxtil da UTFPR tem uma predisposição maior ao empreendedorismo do que os alunos da Universidade de Shinshu matriculados no mesmo curso. Isso foi revelado a partir dos resultados dos dois modelos de regressão onde a variável País foi inserida. Além de aspectos culturais debatidos por pesquisadores como Okamuro, Stel e Verheul (2019), os resultados da baixa participação em atividades de empreendedorismo e a constatação de apenas uma pequena parcela dos estudantes possuir parentes empreendedores são indicativos que podem explicar a baixa propensão à atividade empreendedora dos estudantes japoneses, pois são importantes incentivos a essa prática, de acordo com a literatura.

Em se tratando da influência das variáveis demográficas na IE, os achados indicaram que há relação significativa entre o gênero (mulheres apresentam, em média, uma IE menor do que a dos homens), a formação em empreendedorismo (estudantes que não participaram de atividades de formação em empreendedorismo apresentam, em média, escores menores de IE), a existência de parentes empreendedores (não possuir parentes empreendedores pode

influenciar negativamente a IE) e a idade (quanto maior a faixa etária dos estudantes, maior a IE).

Os resultados a cerca das variáveis da TCP, a pesquisa apontou que na amostra dos estudantes brasileiros a variável Atitude Pessoal é a mais correlacionada com a IE. Com isso, há sinais de eles se sentem atraídos pela possibilidade de se tornar empreendedor e também fazem uma avaliação positiva a respeito disso, percebendo as vantagens que esta carreira poderia trazer.

Por outro lado, na amostra dos estudantes japoneses, a variável Controle do Comportamento Percebido foi a mais relacionada com a IE, revelando que, para eles, acreditar que são capazes de empreender um negócio próprio, mesmo com as dificuldades inerentes ao processo, é o que mais influencia na IE.

Importante destacar que, a partir dos resultados do modelo de regressão foi possível reafirmar os postulados de Ajzen (1991), os quais apontam que os fatores comportamentais (Atitude Pessoal e Controle do Comportamento) apresentam o maior poder de explicação da IE, sendo estas variáveis consideradas as melhores preditoras.

Cabe apontar nesta seção algumas limitações do presente estudo, as quais estão relacionadas ao fato de considerar apenas um curso de graduação como amostra, ser realizado à luz da TCP de Ajzen (1991) e tendo como instrumento de coleta o questionário desenvolvido por Liñán e Chen (2009). Outros modelos e questionários foram desenvolvidos os quais, se utilizados, poderiam gerar resultados distintos. O tamanho da amostra e o critério de seleção dos estudantes também podem ser considerados como limitações do estudo.

Por fim, sugerem-se estudos futuros visando ampliar as pesquisas sobre o tema e oportunizar diferentes achados. Nesse sentido, novas pesquisas poderiam ser feitas com o objetivo de investigar com mais detalhes as percepções de estudantes sobre optar ou não pela carreira de empreendedor, identificando motivações, riscos, dentre outros fatores. Pesquisas também poderiam abarcar estudantes brasileiros e japoneses de outras áreas, especialmente aqueles matriculados em cursos de Administração, na tentativa de se obter outros subsídios para a área de conhecimento e comparações interessantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v.50, n.2, p. 179-211,1991
- ALMEIDA, F. S.; TEIXEIRA, R. M. Influência da família e das redes sociais na criação de negócios por jovens empreendedores. **Pretexto**, v.15, n.2, p.110-128, 2014.
- BIRCHLER, E.A.; TEIXEIRA, A. A Intenção Empreendedora de Estudantes e os fatores que a influenciam. **Revista de Negócios**, v.22, n. 2, p.7-22, 2017.
- BIRD, B. Implementing entrepreneurial ideas: The case for intention. **Academy of Management Review**, v.13, n.3, p. 442-453, 1988.
- BOHNENBERGER, M. C.; SCHMIDT, S.; FREITAS E.C. A Influência da Família na Formação Empreendedora. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.
- DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de
- FANG, C.; CHEN, L. Exploring the Entrepreneurial Intentions of Science and Engineering Students in China : A Q Methodology Study. **Sustainability**, v. 11, n.10, 2019.
- FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. **Journal of Small Business Management**, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração**, v.34, n. 2, p. 5-28, 1999.

GOMES, A. F. O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 4, n.2, 2005.

HAIR, Junior; J. F., BABIN, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HISRICH, R.;PETERS, M.;SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**.7ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HONJO, Y. Why are entrepreneurship levels so low in Japan? **Japan and the World Economy**, v.36, p. 88–101, 2015.

HORI, R.S. Progress and problems of gender equality in Japanese academics and geosciences, **Adv. Geosci.**, v. 53, p. 195–203, 2020.

KANAMA, D. A comparative study of the entrepreneurial motivation of undergraduate and graduate students in Japan. **Industry and Higher Education**, v.35, n.2, p. 102–113, 2021.

KIM, H.Y. Statistical notes for clinical researchers: Chi-squared test and Fisher’s exact test. **Restorative Dentistry & Endodontics**, v.42, n.2, p. 152-155, 2017.

LIÑÁN, F. Skill and value perceptions: how do they affect entrepreneurial intentions? **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 4, n. 3, p. 257-272, 2008.

LIÑÁN, F.; CHEN, Y. W. Development and Cross-Cultural application of a specific instrument to measure entrepreneurial intentions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 33, n.3, p. 593-617, 2009.

LIÑÁN, F.; FAYOLLE, A. A systematic literature review on Entrepreneurial Intentions: Citation, Thematic Analyses, and Research Agenda. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v. 11, p. 907-933, 2015.

LIÑÁN, F.; NABI, G.; KRUEGER, N. British and Spanish entrepreneurial intentions: A comparative study. **Revista de Economía Mundial**, v. 33. p.73-103, 2013.

LIÑÁN, F.; URBANO, D.; GUERRERO, M. Regional variations in entrepreneurial cognitions: start-up intentions of university students in Spain. **Entrepreneurship and Regional Development**, v.23, n.3-4, p. 187-215, 2011.

LORTIE, J.; CASTOGIOVANI, G. The theory of planned behavior in entrepreneurship research: what we know and future directions. **International Entrepreneurship and Management Journal**, v.11, p.935-957, 2015.

MARCON, D.L. **Teoria do comportamento planejado e teoria dos valores humanos: A influência na intenção empreendedora de estudantes universitários na região sudoeste do Paraná**. 90 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

MARCON, D.L.; SILVEIRA A.; FRIZON, J.A. Empreender ou não: fatores condicionantes da intenção empreendedora. **Revista de Administração FACES Journal**, v.19, n. 1, p. 64-79, 2020.

MORAES, M. B.; SILVA, A.A.C.; MONTEIRO, R.C.R.V; MENDROT, A.R. Intenção empreendedora de alunos de graduação de uma universidade municipal do estado de São Paulo. In: IX EGEPE, 2016, Passo Fundo. **Anais..Passo Fundo: IX EGEPE**, 2016.

MORIANO, J.A.; GORGIEVSKI, M.; LAGUNA, M.; STEPHAN, U.; ZARAFSHANI, K. A cross cultural approach to understanding entrepreneurial intention. **Journal of Career Development**. v. 39, n.2, p. 162-185, 2012.

NAKAYAMA, T. Entrepreneurial intention in Japan: an empirical study on Japanese university students. **International Journal of Business and General Management**. v. 5, n.3, p.81-96, 2016

OLIVEIRA, S.; LEAL, S. A intenção empreendedora dos estudantes: uma análise aos seus antecedentes. In: I Jornadas Ensino do Empreendedorismo em Portugal, 2015, Coimbra, **Anais...**Coimbra: Instituto Pedro Nunes, 2015.

OKAMURO, H.; VAN STEL, A.; VERHEUL, I. Understanding the drivers of an “entrepreneurial” economy: lessons from Japan and the Netherlands. **CCES Discussion Paper Series**, 36, 2019. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/hit/ccesdp/36.html>. Acesso em : 01 jul. 2021.

PAIVA, L.E.B.. LIMA, T.C.B.; REBOUÇAS, S.M.D.P. Intenção empreendedora entre universitários brasileiros e portugueses. **REUNA**, v. 26, n. 1, p. 43-61, 2021.

PARAY, Z.A.; KUMAR, S. Does entrepreneurship education influence entrepreneurial intention among students in HEI’s? The role of age, gender and degree background. **Journal of International Education in Business**, v. 3, n.1, p. 55-72, 2020.

PAUL, J. ; HERMEL, P.; SRIVATAVA, A. Entrepreneurial intentions - theory and evidence from asia, america and europe. **Journal of International Entrepreneurship**, v.15, p. 324-351, 2017.

SAHINIDIS, A. G.;XANTHOPOULOU, P. I.; TSAKNIS, P. A.; VASSILIOU, E. E. Age and prior working experience effect on entrepreneurial intention. **Corporate & Business Strategy Review**, v.2, n.1,p. 18-26, 2021.

SHINATO, T.; KAMEI, K.; DANA, Léo-Paul. Entrepreneurship education in Japanese universities - how do we train for risk taking in a culture of risk adverseness? **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 20, p. 184 – 204, 2013

SILVEIRA, A. ; BIZARRIAS, F. S. ; CARMO, H. M. O. Entrepreneurial Intention of the Participants of the Startup Weekend: Longitudinal Analysis. **International Journal of Advances in Management and Economics**. v. 6, p. 90-102, 2017.

SILVEIRA, A.; SILVENTE, G. A.; FERREIRA, C. C. Intenção empreendedora: fatores e abordagens atuais (janeiro de 2013 a janeiro de 2016). In: XIXI SemeAd - Seminários em Administração, 2016, São Paulo. **Anais...**São Paulo: XIXI SemeAd, 2016.

SINGH, I. Role of Demographic Variables in the Formation of Entrepreneurial Intention. **Journal of Business and Management**, v. 16, n.12, p. 20-25, 2014.

SOUZA, R.S.; SILVEIRA, A.; NASCIMENTO, S. Ampliando a Mensuração de Intenção Empreendedora: Estudo com Discentes de Graduação em Universidades Federais Brasileiras. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 41, 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2017.

SOUZA, E.S.; FONTENELE, R.ES.; SILVA, A.L.L.; SOUZA FILHO, J.M. Mapeamento da produção científica internacional sobre intenção Empreendedora. **Revista Gestão e Secretariado (GeSec)**, v. 10, n. 3, p. 114-139, 2019.

ZARDO JR. E.; ALMEIDA, L.F. A Intenção Empreendedora em Alunos Participantes de um Programa de Empreendedorismo Educacional no Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓSGRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 43, 2020, **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2020.